

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O POTENCIAL DA PALHAÇARIA PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE NA TERCEIRA IDADE

Leonardo de Souza Melo ¹
Cícera Henrique da Silva ²

RESUMO

Discute alguns dos possíveis benefícios da palhaçaria na promoção da saúde na terceira idade. Foi realizada uma busca bibliográfica em diferentes fontes de informação. As referências dos artigos científicos foram descarregadas e analisadas com o auxílio do software VantagePoint. Após a exclusão de itens irrelevantes, a literatura consultada apontou alguns benefícios a palhaçaria na promoção da saúde na terceira

Palavras-chave: Palhaço, Promoção da Saúde, Terceira Idade.

INTRODUÇÃO

O uso da linguagem do palhaço em atividades de promoção da saúde pode ser observado em diversas unidades de saúde em todo o mundo. Notícias e imagens sobre a ação de grupos artísticos como os Doutores da Alegria, bem como o trabalho de profissionais da saúde como Patch Adams (2002) ajudaram a difundir a ideia de que a estratégia da palhaçaria é realmente eficaz como produção social da saúde. Todavia, estas intervenções fomentam em muitas pessoas, a impressão de que são mais adequadas para as crianças do que para as pessoas adultas e/ou idosas.

Antes de chegar a este, que é o ponto de reflexão deste trabalho, é pertinente lembrar que há muitas décadas os palhaços e outros artistas de circo ou de teatro fazem visitas e apresentações em hospitais, asilos e casas de caridade. Ocorre, porém, que nem sempre a atuação dos profissionais da arte era construída observando uma metodologia elaborada especificamente para estes ambientes. Um importante marco neste sentido se dá em 1986.

1 Graduado em Biblioteconomia (UFF) e Mestre em Ciências (ICICT/FIOCRUZ), leonardo.melo@icict.fiocruz.br;

2 Doutora em Ciências da Comunicação e Informação doutora em Ciências da Informação e da Comunicação (Université dAix-Marseille) - Orientadora, cicera.silva@icict.fiocruz.br;

O artista Michael Christensen, palhaço do Big Apple Circus se apresentou no Morgan Stanley Children's Hospital of New York-Presbyterian. Foi um show gratuito para pacientes da ala infantil da instituição. O roteiro foi escrito inspirado em procedimentos comuns de hospital, para que as cenas fizessem sentido naquele ambiente específico. Michael satirizou as rotinas médicas, propondo procedimentos estranhos e subversivos, como um transplante de nariz vermelho e uma transfusão de milk-shake. A boa recepção inicial deste trabalho levou o palhaço a pedir permissão para visitar algumas crianças que não poderiam sair dos seus quartos para participar deste tipo de atividade.

As crianças internadas se surpreenderam, então, com a presença inusitada de um novo e atrapalhado médico do hospital, que àquela altura faria suas primeiras rotinas de trabalho. Médicos e enfermeiros do hospital, bem como o próprio palhaço, notaram que em muitos casos, a apatia e a angústia deram lugar à participação ativa nos jogos propostos por Michael. Nos dias e semanas seguintes, vieram conversas e reuniões, que possibilitaram a arrecadação de uma certa quantia em dinheiro que possibilitou a realização de um projeto continuado de visitas. Nesse contexto, foi criado o Clown Care Unit, que até os dias atuais segue atuando na palhaçaria hospitalar. Surge assim o que provavelmente é a primeira sistematização da atuação dos palhaços visitantes de crianças hospitalizadas, os chamados palhaços de hospital, palhaços visitantes ou doutores palhaços (TONETE, ESPÍRITO SANTO e PARADA, 2008).

O grupo reuniu artistas de várias nacionalidades. Com o passar do tempo, começaram a surgir iniciativas semelhantes nos Estados Unidos. Além disso, alguns palhaços estrangeiros que participaram das primeiras ações do Clown Care Unit também fundaram projetos semelhantes em seus países. Dessa forma, surgiu por exemplo, o grupo Doutores da Alegria, fundado no Brasil pelo ator e palhaço Wellington Nogueira. Este programa é mundialmente reconhecido como um dos primeiros (e principais) grupos de palhaços de hospital.

A proliferação destas iniciativas ocorreu em todo o globo e logo foi possível encontrar não apenas grupos formados por artistas, mas também grupos formados por profissionais de saúde que passaram a estudar a arte do palhaço. Observa-se ainda grupos mistos, com profissionais de arte e de saúde e grupos de pessoas leigas em arte e saúde, mas que

inspirados nesta ideia, realizam visitas voluntárias. Não demorou também, para que boa parte desses grupos não se restringissem aos hospitais, abraçando também a visitação em abrigos infantis, instituições de longa permanência para idosos, e muitos outros locais, onde julgam pertinente a presença do palhaço.

O presente trabalho foca em uma vertente bastante específica neste contexto, apresentando um breve apanhado sobre os benefícios que a intervenção do palhaço pode trazer para o idoso, segundo a literatura científica. O envelhecimento populacional é uma realidade mundial, embora seja uma discussão relativamente recente para nós, brasileiros. Este fenômeno implica na necessidade da criação/execução de diferentes políticas e ações públicas visando à promoção de qualidade de vida para esta camada da população.

No âmbito do Laboratório de Informação Científica e Tecnológica em Saúde (LICTS/ICICT/FIOCRUZ), este debate se inicia em 2010, em meio à pesquisa e intervenções que descortinam as possíveis relações entre arte e saúde, no âmbito da informação e da comunicação em saúde. É de interesse do Laboratório discutir a produção social da saúde, num contexto onde se privilegie um olhar para a potência do indivíduo, bem como para os processos e atores sociais que possam contribuir para a promoção do bem-estar, e não apenas um olhar para a prevenção ou tratamento da doença. A Declaração de Alma Ata (1978) aponta um conceito de saúde que não remete à simples ausência de doença e a trata com uma ótica relacionada à qualidade de vida.

O conceito de saúde é relacionado desta forma ao bem-estar físico, mental e social, e não simplesmente a ausência de doença ou enfermidade - é um direito humano fundamental, e que a consecução do mais alto nível possível de saúde é a mais importante meta social mundial, cuja realização requer a ação de muitos outros setores sociais e econômicos, além do setor saúde. Desta forma, conforme previsto na Declaração citada, o conceito de saúde para a terceira idade (além de passar por fatores culturais, ambientais e socioeconômicos) deve ser pensado como qualidade de vida, ficando desta forma bem mais focada na autonomia e independência do cidadão do que simplesmente na falta de doença. (BRASIL, 2010).

A promoção da saúde passa assim pela ideia de exercitar a construção e/ou execução de uma estratégia para lidar com a multiplicidade dos problemas que podem de alguma forma

afetar a qualidade de vida do indivíduo. Promover saúde, além disso, pressupõe a articulação de pessoas e saberes em busca de melhorias ao bem-estar físico e mental, pessoal, público e comunitário (CZERESNIA, 2009; BUSS, 2000). Para a pessoa idosa, a promoção da saúde passa diretamente desta forma, por questões relacionadas com a sua independência e autonomia.

METODOLOGIA

Foi realizada busca bibliográfica da literatura científica disponível em diferentes fontes de informação (Tabela 1). Os resultados foram complementados com textos não-científicos encontrados com o auxílio de motores de busca para a identificação de notícias, e ainda com artigos científicos não indexados nas ferramentas consultadas, bem como sítios de instituições (universidades, institutos de pesquisa) e associações civis relacionadas às temáticas aqui discutidas.

Para identificar na literatura científica estudos sobre palhaçaria e promoção de saúde para idosos, optou-se por buscar nas bases pelo termo “palhaço” (Tabela 1) e a partir do resultado, executar uma exclusão manual de itens irrelevantes encontrados na busca. A opção pelo termo geral, sem a relação com a saúde, apesar de assumidamente mais trabalhosa, se deu por conta do conhecimento prévio sobre o baixo número de publicações, bem como sobre a falta de termos bem estabelecidos para definir as ações do palhaço na saúde. *”. Os resultados da busca foram processados com o auxílio do software de mineração de texto VantagePoint. Inicialmente, foram excluídos os itens irrelevantes que não tratavam do assunto desta pesquisa, como “clown fish” e “clown nose”. Em seguida foram selecionadas para análise temática as referências que continham os seguintes termos: “age 60 and over”; “aged”, “elderly”, “geri*”, “gero*”, “old*”, “veteran.

Tabela 1 – Estratégia de busca utilizada sobre palhaço

Fontes consultadas	Estratégia de busca
Web of Science Medline Scopus PsycInfo Lisa INSPEC Eric	Clown
Lilacs	Clown OR palhaço OR payaso

Fonte: elaboração própria

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a busca por artigos científicos e a posterior análise temática realizada no escopo deste trabalho, foi possível considerar que esta perspectiva ainda é pouco explorada pela comunidade científica, tendo em vista o baixo número de artigos científicos encontrados. Entretanto, a produção científica identificada apresenta relatos bastante positivos para a relação entre palhaçaria, terceira idade e promoção da saúde.

Rösner (2009), propôs um termo: gericlown (geripalhaço), e debateu sobre a potência do apoio terapêutico oferecido pela performance do palhaço em unidades de cuidados geriátricos. Este estudo destacou pontos positivos da linguagem do palhaço na comunicação com pessoas portadoras de demência, ajudando-as a manter a interação social e o contato com o ambiente. Para a pesquisadora, a visita regular do palhaço, pode aumentar o bem-estar e contribuir para a redução de comportamentos problemáticos.

Wild et al. (2007) abordaram os benefícios das visitas semanais de um grupo de palhaços a um grupo de pacientes psiquiátricos da terceira idade durante 6 semanas. Os resultados apontam a observação de atitudes mais positivas dos pacientes, e segundo os autores já é suficiente para sugerir a ampliação de programas de palhaçaria semelhantes aos dos palhaços de hospital, voltados para a população da terceira idade. Chamelau et al. (2011) em trabalho similar, realizado apenas com portadores de Alzheimer, apresentam debate semelhante ao de Rösner (2009) e relacionam a arte da palhaçaria como detentora de elementos importantes a serem estudados como facilitadores para a comunicação.

Selena McMahan (2008) fala sobre a sua experiência como palhaça, durante o trabalho com grupos da terceira idade e em especial, com o seu avô. Para ela, estava claro que o estímulo ao sorriso e à alegria provocavam geralmente uma reação positiva, com efeitos psicológicos e fisiológicos. McMahan argumenta que o jogo do palhaço, construído na interação direta com o idoso, é mais benéfico do que uma intervenção passiva, com vídeos, onde o idoso ri sozinho. O jogo do palhaço ganha força, quando se constrói em cima do que se percebe no contato com o idoso, estimulando a imaginação de cada paciente.

Em discussão parecida, Warren e Spitzer (2011) destacam a riqueza da performance do palhaço quando desenvolvida no envolvimento pessoal com o idoso, experiência que ressalta a individualidade, trabalhando o resgate e a autonomia dos sujeitos. Uma questão diferente foi trazida por Brutsche et al. (2008). Neste estudo, observou-se que o bom humor foi capaz de melhorar os resultados de testes de avaliação respiratória em pacientes idosos acometidos de doença pulmonar obstrutiva crônica. Estes, foram submetidos a sessões de riso, proporcionadas por palhaços. Ainda no debate sobre humor, Prerost (1993), Richman (1995) e Ruch e Müller (2009) abordam os efeitos positivos do riso e do entretenimento para a promoção da saúde do idosos.

Embora o número de intervenções de palhaços voltadas para crianças hospitalizadas ainda seja aparentemente bem maior do que para idosos no hospital, ou em instituições de longa permanência para idosos, atualmente dezenas de grupos que trabalham com crianças, tem direcionado parte de sua atenção para com os idosos, como é o caso dos Doutores da Alegria, através do programa Plateias Hospitalares, realizado em hospitais do Rio de Janeiro.

Ainda no Rio, atores da Companhia do Gesto desenvolveram durante um ano o Projeto Rir é Viver, que realizou intervenções em instituições de longa permanência para idosos.

Passeávamos pelos corredores de um dos pavilhões femininos do Cristo Redentor. As idosas sorriam, brincavam, esperavam que os palhaços entrassem em seus quartos. Mas no cantinho de um quarto uma senhorinha muito mal-humorada não permitiu nossa aproximação. “Vão embora, não quero palhaço aqui não”, despejava a zangada. Mas palhaço gosta de um desafio! Devagarinho, nos aproximamos com medo da cara brava dela. Ousamos cumprimentá-la com um aperto de mão. Primeiro um, depois o outro e assim demos infinitos apertos de mão em carrossel até ela esboçar um sorriso. E quanto mais repetíamos a gag, mas ela ria. Na despedida, exclamou: “mas vocês já vão embora”? (COMPANHIA DO GESTO, 2010).

Moacyr Sacramento (2008) diz em poema sobre o encontro: “não procure na gargalhada, que a gargalhada é forte [...] No riso simples pode dar-se o encontro. Verdadeira pode não ser a alegria, mas a lágrima discreta”. Esta passagem reflete o quanto pode ser explorada a estética da palhaçaria, através de outros elementos que não apenas o riso. No trabalho voltado para o público da terceira idade, o palhaço trabalha muito com a escuta e a atenção, ouvindo suas queixas e histórias de vida, dando um tipo de apoio não tradicionalmente oferecido pelo sistema de saúde (MEUNIER, 2009). As características de improviso e de interação com o público, que são alguns dos pilares sobre o qual se debruça a arte do palhaço oferecem infinitas possibilidades para a comunicação com a pessoa idosa (McMAHAN, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 2018, retoma-se no LICTS/ICICT/FIOCRUZ o debate sobre a arte da palhaçaria para a promoção da saúde. Neste sentido, é fundamental voltar aos primeiros resultados desta cartografia da literatura científica já realizada, para nova leitura, análise e discussão. Um segundo passo é repetir as estratégias de busca, agregando também novos resultados de pesquisas na área. Em meio a este movimento, submetemos este trabalho para o VI Congresso Internacional de Envelhecimento Humano. Dadas as características do evento, do trabalho escrito e levando em conta a complexidade do tema, optou-se por apresentar aqui um breve apanhado de alguns pontos positivos da interação dos palhaços visitantes na promoção da saúde do idoso. Apesar da baixa frequência de artigos científicos, os resultados mostrados nos estudos recuperados apresentam bons indícios de que a palhaçaria realmente pode ser uma estratégia de promoção da saúde para pessoas na terceira idade.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Patch. Humor and love: the origin of clown therapy. **Posgraduate Medical Journal**, London, v. 78, p. 447-448, 2002. Disponível em: <<http://pmj.bmj.com/content/78/922/447.full>>. Acesso em: 21 maio 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Área Técnica Saúde do Idoso. **Atenção à saúde da pessoa idosa e envelhecimento**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. (Série B. Textos Básicos de Saúde).

BUSS, Paulo Marchiori. **Promoção da saúde qualidade de vida**. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 163-177, 2000.

CHALUMEAU, L. et al. Des clowns en unité Alzheimer. **NPG Neurologie - Psychiatrie - Gériatrie**, v. 11, n. 66, p. 264-267, Déc. 2011.

COMPANHIA DO GESTO. **Rir é viver: imagens**. Rio de Janeiro, 2010.

CZERESNIA, Dina. O conceito de saúde e a diferença entre prevenção e promoção. In: CZERESNIA, Dina; FREITAS, Carlos Machado. **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009. p. 43-58.

DECLARAÇÃO de Alma Ata. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRECUIDADOS PRIMÁRIOS DE SAÚDE. Alma-Ata, URSS, 6-12 de setembro de 197. Disponível em:<<http://www.opas.org.br/promocao/uploadArq/Alma-Ata.pdf>>. Acesso em 29 maio 2011.

McMAHAN, Selena Clare. Infinity possibility: clowning with elderly people. **Care Management Journals**, Oxford, v. 9, n. 1, p. 19-25, 2008.

MEUNIER, Sandra. Le clown sympathique-empathique em USP pour adultes: une alliance thérapeutique dans la joie. **Médecine Palliative**, v. 8, n. 4, p. 209-212, 2009.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 2, p.27-38, maio/ago. 2006.

PREROST, Frank J. A strategy to enhance humor production among elderly persons: assisting in the management of stress. **Activities, Adaptation & Aging**, New York, v. 17, n. 4, p. 17-24, 1993.

RICHMAN, Joseph. The Lifesaving function of humor with the depressed and suicidal elderly. **The Gerontologist**, Oxford, v. 35, n. 2, p. 271-275, 1995. Disponível em: <<http://gerontologist.oxfordjournals.org/content/35/2/271.full.pdf+html>>. Acesso em 01 fev. 2012.

RÖSNER, Monika. Der gericlown: eine vorstellung. **Zeitschrift für Gerontologie und Geriatrie**, Heidelberg, v. 43, n. 1, p. 53-57, Feb. 2010.

SACRAMENTO, Moacyr. **Uma lenda**. São Paulo: Taip & Paper Editora, 2008.

TONETE, Vera Lúcia Pamplona; ESPÍRITO SANTO, Renata Mattos do e LIMA, Cristina Maria Garcia de. Percepções da equipe de enfermagem sobre os médicos da alegria e a hospitalização de crianças. **REME – Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v.12, n.2, p. 173-181, 2008

WARREN, Bernie; SPITZER, Peter. Laughing to longevity—the work of elder clowns. **The Lancet**, v. 378, n. 9791, p. 562-563, Ago. 2011

WILD, B. et al. Clowns in der Psychiatrie? Ein Pilotprojekt. *Der Nervenarzt*, v. 78, n.5, p. 571-574, 2007.